

#43

## ENTRE A TÉCNICA E A ESSÊNCIA

*Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* avança na estrutura, mas amentiza a força das metáforas da adolescência propostas por J.K. Rowling

## MAIOR DO QUE A VIDA

Obituários são sempre difíceis de escrever, mas o de Marlon Brando é um compêndio das dores de uma geração que sobreviveu ao século XX

## O TEMPO NÃO PARA (DE SE REINVENTAR)

De qual Cazuza você vai se lembrar daqui em diante? O original ou o de Daniel Oliveira?

## PARA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DE FLORES

Com Dead Fish, Zémaria e Lona! Records, Espírito Santo revela-se laboratório dos contrastes vividos pela indústria independente de música.

## SEM POESIA

Cinebiografia reduz a poetisa Sylvia Plath a uma mera caricatura de mulher ciumenta e atormentada

## UMA VILA PARA OS OPERÁRIOS

A história da vila operária Maria Zélia, que, cercada de idealismos, vive hoje de recordações e ruínas

## PRESENTE DE GREGO

Nem mesmo o orçamento milionário e o elenco estelar conseguem salvar o épico *Tróia* da decepção

## Recentemente

Quem deve escolher a escola do seu filho: você ou a Justiça? Então por que seria diferente com os filmes que ele vê?

## Aquarela

O futebol pode ser paixão nacional, mas fica a dúvida: será que time se herda da família que nem móvel velho?

## Caderno Zero

Surpresa Once Caldas derrota Boca Juniors nos pênaltis e se consagra como um incontestável campeão da Libertadores de 2004

## Antropop

Especialista político econômico ou cronista esportivo, tremei: vocês também fazem um trabalho digno de estar nas ilustradas e Cadernos 2 da vida.

rabisco@rabisco.com.br

RABISCO

11 a 25 de julho de 2004

Equipe | Edições Anteriores

## PRESENTE DE GREGO

Nem mesmo o orçamento milionário e o elenco estelar conseguem salvar o épico *Tróia* da decepção

por Fabio Freire (fabio\_fcosta@hotmail.com)



*Tróia* não é um filme ruim, mas também está longe de ser um clássico.

Tentando repetir o sucesso de *Gladiador*, longa de Ridley Scott que praticamente fez renascer o gênero épico em Hollywood, a produção do alemão Wolfgang Peterson é equivocada, sem ritmo e até fria. Grande parte da culpa, claro, é do roteiro, que procura condensar ao máximo

a obra de Homero, *Ilíada*, tentando transpô-la para um filme de pouco mais de duas horas e meia de metragem. O problema é que o roteirista David Benioff não foi nada feliz em suas escolhas, transformando *Tróia* em uma produção chata e com uma história nem um pouco memorável, apesar de já célebre: Grécia versus Tróia por causa de uma mulher que traiu seu marido, Helena.

Lógico que a culpa não é só de Benioff. O diretor Wolfgang Peterson também tem sua parcela de participação no fraco resultado final, abusando de *low motions*, *zooms* e ângulos equivocados que só reforçam a fraqueza do roteiro, a fragilidade das interpretações e a direção sem pulso. É visível a imaturidade do diretor para assumir o comando das câmeras de uma produção desse porte. Mesmo já tendo demonstrado competência em provocar tensão em filmes como o suspense *Na Linha de Fogo*, aqui Peterson perde completamente o controle da situação e entrega uma obra que tinha tudo para ser boa mas simplesmente não é.

Busca

OK

Picosearch

O diretor apela para o óbvio, erra na escolha do elenco e na concepção visual da produção, que parece *fake* e sempre abaiixo do que se poderia



esperar de um filme que consumiu quase U\$S 200 milhões de orçamento. Outro erro imperdoável do diretor foi ter descartado a trilha sonora do consagrado Gabriel Yared (que fez entre outros a trilha de *O Paciente Inglês* e *Cidade dos Anjos*) em detrimento da horrorosa música de James Horner (*Titanic*), que só piora ainda mais as coisas.



Nem as cenas de ação compensam. Tirando o embate entre Heitor (Eric Bana) e Aquiles (Brad Pitt), nenhuma batalha em *Tróia* se salva. A fotografia das lutas e combates é escura, a edição é picotada e mal dá para ver o que se passa na tela. Peterson quis seguir a mesma linha de *Gladiador*, mas não conseguiu pelo simples fato de não ter o talento de Scott para a coisa. Chega a ser triste ver um filme com tanto potencial acabar caindo no ridículo várias vezes (a cena das mil embarcações indo em direção à Tróia é hilária). Mas como tudo que é ruim pode ficar ainda pior, falta o capítulo das atuações.

Brad Pitt não funciona como protagonista de grandes produções, basta assistir a *Lendas da Paixão* e *Encontro Marcado* para perceber isso. O ator só se sai bem em filmes menores (*Kalifornia*, *Seven* e *Snatch*) ou como coadjuvante (*Doze Macacos* e *Entrevista com Vampiro*). Sua interpretação beira ao patético e ele mais parece um Rambo de saiote e com os cabelos loiros. Esqueça Orlando Bloom e seu corajoso Legolas (*O Senhor dos Anéis*). Em *Tróia*, o ator (que interpreta Páris) é um covarde e passa despercebido durante toda a projeção. O que mina ainda mais a credibilidade do filme, já que sua paixão por Helena (a apática modelo Diane Kruger) deveria ser a razão de ser do longa. Quem acaba se destacando então é Eric Bana, que de mostrengo verde (*Hulk*) é elevado à categoria de herói. Seu Heitor é de longe a personagem mais humana de *Tróia*, a única capaz de despertar algum sentimento no espectador. Vale destacar ainda a atuação de Peter O'Toole (Príamo), dono da melhor cena do filme (quando procura Aquiles em busca do corpo de seu filho).



Enfim, *Tróia* é um filme ruim. Pronto, falei. Um desperdício de dinheiro e de um bom argumento. Uma produção que merecia um maior esmero por parte dos envolvidos. Só nos resta torcer agora para que Oliver Stone seja mais feliz em sua incursão pelo gênero, o promissor *Alexandre. O Grande*, que chega aos cinemas no final do ano.